



RESILIÊNCIA DE MÃES DE CRIANÇAS PORTADORAS DE DIABETES TIPO 1, ATENDIDAS NO AMBULATÓRIO DE ENDOCRINOLOGIA DO HOSPITAL UNIVERSITÁRIO DE MARINGÁ

Gabrieli Patricio Rissi (PIBIC/CNPq/FA/Uem), Silvana Brites Dias, Ieda Harumi Higarashi (Orientador), e-mail: ieda1618@gmail.com

Universidade Estadual de Maringá / Centro de Ciências da Saúde/Maringá, PR.

Enfermagem- Enfermagem Pediátrica

Palavras-chave: resiliência, mães, diabetes

Resumo:

Trata-se de uma pesquisa envolvendo mães de filhos diagnosticados com Diabetes tipo 1 atendidos pelo Ambulatório de Endocrinopediatria do Hospital Universitário Regional de Maringá, com o objetivo de avaliar a resiliência destas mães frente à doença do filho. O estudo teve caráter descritivo, exploratório e abordagem qualitativa. Foram entrevistadas 18 mães com aplicação da Escala de Resiliência. Os resultados revelaram que as mães casadas e que recebem apoio social expressam maiores níveis de resiliência, sendo estes fatores, motivadores no processo de enfrentamento da doença, impactando na qualidade de vida das crianças e de suas famílias.

Introdução

O Diabetes Mellitus (DM) é um distúrbio metabólico caracterizado pela secreção defeituosa de insulina pelo pâncreas que se manifesta clinicamente através da hiperglicemia. É uma condição crônica, podendo acometer pessoas de qualquer idade (COTRAN; KUMAR; ROBBINS, 1994). A doença crônica na infância é um fator que traz implicações para o desenvolvimento da própria criança e de sua família (CASTRO; PICCININI, 2002). Por ser a família parte fundamental na condução da saúde de seus membros, e principal responsável pela oferta de apoio, segurança e





proteção, acredita-se que, ao promover sua participação nos cuidados diários específicos à criança, tão logo esta passe a conviver com a doença, reduzam-se sensivelmente as dificuldades para seu enfrentamento (ZANETTI, 2001). Neste e em outros contextos de enfrentamento de dificuldades e, diante da necessidade de incorporar ou desenvolver meios para a superação das mesmas, cada vez mais tem se discutido a importância da resiliência. Esta pode ser definida como a capacidade de superação de condições adversas, ou seja, são habilidades que o indivíduo desenvolve para enfrentar situações de forma positiva (SANTOS, 2014). Diante do exposto, a pesquisa teve como objetivo caracterizar e avaliar a resiliência das mães com filhos portadores de DM1, atendidas no ambulatório de endocrinopediatria do Hospital Universitário Regional de Maringá.

Materiais e métodos

Trata-se de pesquisa exploratória, descritiva, de abordagem qualitativa, realizada com mães de filhos diagnosticados com DM1 atendidos no Ambulatório de Endocrinopediatria do Hospital Universitário de Maringá. Foram sujeitos do estudo 18 mães com idade igual ou maior de 18 anos, que aceitaram participar da pesquisa, mediante anuência em termo de consentimento livre e esclarecido. Foram realizadas entrevistas segundo horários e locais previamente agendados para aplicação do instrumento Escala de Resiliência desenvolvida por Wagnild & Young, a qual possui 25 itens descritos de forma positiva, com resposta tipo *likert* variando de 1 (discordo totalmente) a 7 (concordo totalmente). Os escores da escala oscilam de 25 a 175 pontos, com valores altos indicando elevada resiliência. Em caráter complementar, algumas questões foram formuladas para melhor compreender o contexto de enfrentamento das mães entrevistadas. Para resguardar a identidade das participantes, seus nomes verdadeiros foram substituídos pelos nomes de personalidades da Área da Ciência de Enfermagem. O projeto foi apreciado e aprovado pela Assessoria Técnica Científica, coordenação do Ambulatório de Endocrinopediatria do HUM, bem como pelo Comitê Permanente de Ética em Pesquisa envolvendo Seres Humanos (COPEP) da UEM.

Resultados e Discussão





Participaram do estudo 18 mães de filhos com diagnóstico de DM1, com idade que variou de 23 a 48 anos, e média etária de 37 anos. Com relação ao estado marital, 78% das participantes eram casadas, 17% eram divorciadas e uma participante, correspondendo a 5% do total, era viúva. Com relação à avaliação dos níveis de resiliência por meio da utilização da Escala de Resiliência, foram encontrados escores que variaram de 119 a 156 pontos. Os níveis elevados de resiliência materna refletem a importância do papel das mães no contexto da doença de seus filhos, tendo em vista sua atuação como principais cuidadoras, seu vínculo emocional mais íntimo junto aos filhos, e que demandam o maior envolvimento com o tratamento e o contato mais próximo com os profissionais de saúde. Principalmente na fase de adaptação, ou seja, do diagnóstico à implementação de mudanças de hábitos da criança e família, as mães passam por um estresse muito grande frente aos inúmeros desafios relacionados aos cuidados com a medicação, alimentação, horários e a dificuldade em impor limites aos comportamentos da criança (CASTRO, PICCININI, 2002). Assim, e embora sentimentos de insegurança e ansiedade possam aflorar durante o processo de cuidado, é notória a responsabilidade que as mães assumem, como um ato desafiador e heroico, revelando então a resiliência de cada uma. Alguns resultados encontrados na literatura auxiliam na compreensão deste fenômeno. Nesse sentido, com relação à idade, ao contrário do esperado, em que eram esperados níveis maiores de resiliência entre pessoas com experiência prévia de enfrentamentos e com maior nível de maturidade psicoemocional, verificou-se que um dos maiores escores foi alcançado por uma das participantes mais jovens (30 anos), sem experiência prévia e sem companheiro (divorciada) por ocasião da realização do estudo. Tal achado confirma a tese de alguns autores que estabelecem que a resiliência não necessariamente dependa das dificuldades previamente enfrentadas, mas reflete também a capacidade de enfrentamento inata de cada indivíduo (TABOADA, 2006).

Não obstante este caso, no que tange ao estado civil, observou-se uma predominância de mães casadas. Nesse sentido, estudos revelam que o casamento assume um importante papel no desenvolvimento do cuidado à criança doente, já que promove um maior envolvimento familiar (SANTOS, 2012). A contribuição do parceiro neste processo é de fundamental importância, pois compartilha as responsabilidades tanto em relação ao filho doente como quanto aos demais, evitando a sobrecarga materna (BELTRÃO, 2007). O apoio social mostra-se relevante por influenciar





diretamente na adesão ao tratamento, na adaptação, no controle metabólico e na qualidade de vida (PEREZ, 2013). Entre as fontes de apoio social, o estudo em questão verificou ainda a presença da família, igreja, vizinhos e escola.

Conclusões

Durante o processo da doença, a família experimenta grandes desafios, relacionados às adaptações cotidianas, testando-lhe a capacidade de resistir às dificuldades. No presente estudo, foram encontrados níveis satisfatórios de resiliência entre as mães que vivenciavam o enfrentamento do cotidiano junto ao filho diabético. Ele foi principalmente influenciado pela presença de cônjuge, o qual fortalece a interação familiar, e pelo apoio social, que está diretamente ligado com a melhora da qualidade de vida.

Agradecimentos

À professora orientadora pelo auxílio e supervisão durante a realização da pesquisa, e às mães que disponibilizaram o seu tempo para que as entrevistas fossem realizadas e ao CNPq pelo auxílio financeiro.

Referências

PEREZ, L. C. **Adolescentes com diabete melito tipo 1: resiliência, qualidade de vida e suporte social**. 2013. 150f. Tese (Mestrado)-Programa de Pós-Graduação em Psicologia, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2013.

TABOADA, N. G. Resiliência: em busca de um conceito. **Rev. Bras. Crescimento e desenvolvimento humano**. São Paulo, v. 16, n. 3, p. 104-113, 2006.

ZANETTI, M. L. Análise das dificuldades relacionadas às atividades diárias de crianças e adolescentes com diabetes mellitus tipo 1: depoimento das mães. **Rev. Latino-am Enfermagem**. v. 9, n. 6, p. 25-30, 2001.

